

LEBENSRAUM, GROSSRAUM E

OS COMPORTAMENTOS GEOPOLÍTICOS DE RÚSSIA E CHINA

Mário Brasil do Nascimento¹

Resumo

Em 2014 a Rússia invadiu a Crimeia; e, em 2022, a Ucrânia. A China, por sua vez, constrói ilhas artificiais em área marítima contestada por seus vizinhos. São claros sinais de expansionismo territorial que chamam atenção da comunidade internacional. Dessa forma, o objetivo deste artigo foi verificar a eventual associação dos conceitos do *lebensraum* e do *grossraum* com os comportamentos geopolíticos da Rússia e da China. Para isso, adotou-se a revisão de literatura. Verificou-se que a síndrome do cerco, vivenciada pela Rússia, tem motivado a defesa de um espaço vital russo. No caso chinês, a manutenção do Mar do Sul da China, do Mar da China Oriental; e dos recursos localizados em áreas do Tibete justificam um *lebensraum* chinês; e um *grossraum* para suas ações econômicas e políticas na Ásia.

Palavras chave: *Lebensraum*, *grossraum*, geopolítica.

Lebensraum, grossraum and the geopolitical behaviors of Russia and China

Abstract

In 2014 Russia invaded Crimea; and, in 2022, Ukraine. China, in turn, builds artificial islands in a maritime area contested by its neighbors. There are clear signs of territorial expansionism that attract the attention of the international community. Thus, the aim of this article was to verify the possible association of the concepts of *lebensraum* and *grossraum* with the geopolitical behaviors of Russia and China. For this, the literature review was adopted. It was found that the siege syndrome, experienced by Russia, has motivated the defense of a Russian living space. In the Chinese case, the maintenance of the South China Sea, the East China Sea; and resources located in areas of Tibet justify a Chinese *lebensraum*; and a *grossraum* for their economic and political actions in Asia.

Key words: *Lebensraum*, *grossraum*, geopolitics.

Lebensraum, grossraum y los comportamientos geopolíticos de Rusia y China

Resumen

En 2014 Rusia invadió Crimea; y, en 2022, Ucrania. China construye islas artificiales en un espacio marítimo disputado por sus vecinos. Hay un problema de expansionismo que llama la atención de la comunidad internacional. Así, el objetivo de este artículo fue verificar la posible asociación de los conceptos de *lebensraum* y *grossraum* con el comportamiento geopolítico de Rusia y China. Para ello, se adoptó una revisión de la literatura. Se encontró que el síndrome de asedio, experimentado por Rusia, ha motivado la defensa de un espacio vital ruso. En el caso chino, el mantenimiento del Mar de China Meridional, el Mar de China Oriental; y los recursos ubicados en áreas del Tíbet justifican un *lebensraum* chino; y un *grossraum* para sus acciones económicas y políticas en la Asia.

Palabras clave: *Lebensraum*, *grossraum*, geopolítica.

¹ Doutor em Relações Internacionais pela *Atlantic International University*. Coronel da Reserva do Exército Brasileiro.

INTRODUÇÃO

Em 1890, quando Friederich Ratzel, um dos precursores da Geopolítica, utilizou o termo *lebensraum*, cuja tradução livre é habitat dos homens (ABRAHAMSSO, 2013, p. 37), deu-se início ao surgimento da teoria do espaço vital, cujos fundamentos principais são: 1) o “Estado é um organismo vivo”; e 2) espaço é poder (BONFIM, 2005, p.17).

Mais tarde, geopolíticos alemães, notadamente o General Karl Ernst Haushofer (ABRAHAMSSON, 2013, p.37-44), incorporaram a ideia do *lebensraum*, como espaço vital para o Estado Germânico, usando-o para sustentar os princípios do expansionismo nazista, evidenciado nas invasões dos seguintes Estados: Polônia, Noruega, Dinamarca, Bélgica, Holanda, França, Iugoslávia, Grécia e Luxemburgo. Sob outra perspectiva, o teórico Carl Schmidt propôs a Teoria dos Grandes Espaços, o *grossraum*, sugerindo a dominação imperial de territórios por intermédio de ações políticas e econômicas, sem, necessariamente, efetuar invasões.

Passados quase oitenta anos do final da Segunda Guerra Mundial, vê-se a Rússia e a China desencadearem novas ações expansionistas, que suscitam o questionamento se o *lebensraum* e o *grossraum* ainda podem estar orientando ações geopolíticas dos Estados.

Assim, o objetivo deste artigo é verificar a eventual associação dos conceitos do *lebensraum* e do *grossraum* com os comportamentos geopolíticos de Rússia e China.

O artigo abordará uma revisão da literatura sobre o *lebensraum* e o *grossraum*, seguido pela avaliação dos comportamentos geopolíticos de Rússia e China. Finalmente, serão apresentadas as considerações gerais acerca do assunto.

DESVELANDO O *LEBENSRAUM* E O *GROSSRAUM*

O nascimento do conceito do *lebensraum* está ligado à interpretação da Teoria Darwinista, apresentada no livro “Sobre a Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural ou a Preservação de Raças Favorecidas na Luta pela Vida”, traduzido para o alemão em 1860. Nessa obra, Darwin, entre outros

aspectos, abordou: 1) a existência da luta das espécies pela sobrevivência; 2) que a seleção natural provoca, quase que inevitavelmente, a extinção de formas de vida menos organizadas; e 3) que espécies dominantes, já tendo vencido seus concorrentes, no próprio habitat, tendem a se estender e superar outras espécies (DARWIN, 2003, p:75-149).

O geógrafo Oscar Peschel, antecessor de Friedrich Ratzel, ao traduzir a hipótese da seleção natural das espécies da Biologia para o campo da Geografia, elaborou o termo *lebensraum*, cuja origem advém de duas palavras: 1) *lebens* significa vida; e 2) *raum* corresponde a espaço.² A conversão do conceito para a Geografia alemã foi direcionada para a mudança evolucionária, visando atender ao crescimento populacional germânico. Não se pode olvidar que a interpretação da Teoria Darwinista se deu no contexto do nascimento do movimento nacionalista do II^o Reich, que percebia a necessidade de estabelecer colônias para atender o crescimento da população alemã, bem como aceitava a justificativa da subjugação e extermínio de outras raças, considerando a sobrevivência da raça ariana (ABRAHAMSSON, 2013, p:37-44).

As ideias de Darwin persuadiram geógrafos alemães como Alfred Kirchhoff e Friedrich Ratzel. Para esse último, a mais importante influência se consubstanciou no conceito de *lebensraum*: espaço geográfico requerido para sustentar uma espécie viva, considerando o tamanho de sua população e seu modo de existência (SMITH, 1980, p:51-68). Nesse contexto, cabe destacar como Ratzel conceituava o Estado como organismo que deve ser compreendido em íntima conexão com o espaço (RAGGI et al, 2008, p.161). Para Ratzel, o aumento ou a redução da população impactaria a mudança das necessidades espaciais daquela população, ou seja, a vida não poderia ser separada dos requerimentos espaciais. Influenciado pelas ideias de crescimento da população de Thomas Malthus, Ratzel se convenceu da necessidade de expansionismo territorial (ibid., p. 163). A contínua expansão do território era fundamental para o aumento do poder e a vitalidade dos Estados.

² The freedictionary by Farlex. 2022. Disponível em <https://www.thefreedictionary.com/lebensraum> Acesso em 22 de setembro de 2022.

Por outro lado, a necessidade de expansão fomentaria a luta pelo espaço e geraria um estado de tensão (ABRAHAMSSON, 2013, p.39). Ratzel considerava que a única maneira de um Estado, forte e vital, alcançar equilíbrio era mediante a expansão contínua de seu território (ibid., p.40).

As ideias de Ratzel tiveram efeito sobre o cientista político sueco Rudolf Kjellén, que traduziu as ideias ratzelianas na chamada Teoria de Estado Orgânico. Para Kjellén, o Estado, como um organismo vivo, possui necessidades que devem ser supridas mediante sua expansão, sendo esta considerada uma característica determinística (AMUSQUIVAR et PASSOS, 2018, p.25) e não possibilística. As ideias de Kjellén, por sua vez, influenciaram o general geógrafo Karl Haushofer, que, mais tarde, persuadiria Rudolf Hess (que viria a ser o Vice-Führer da Alemanha) e o próprio Führer Adolf Hitler com a ideia do *lebensraum* (ibid., p.31).

O *lebensraum* foi utilizado para atender aos interesses relacionados ao desenvolvimento do IIIº Reich. Para Hitler, o maior problema ambiental era o desequilíbrio entre o crescimento da população e o limitado espaço vital determinado pelo Tratado de Versalhes e a perda das colônias alemãs (SHUJAAT, 2020, p.52). Além disso, Hitler, assim como Ratzel, considerava que a perda de território constituía prova da decadência de uma sociedade (RAGGI, 2008, p.164-165). Hitler entendia que a política exterior do Estado tinha que salvaguardar a existência da raça, caracterizada pela adequada relação natural entre a população e o crescimento; bem como a quantidade e qualidade do território (LEKAN, 2021, p.153). O uso do *lebensraum* pelo IIIº Reich estava calcado em uma ideologia racista, vinculado a um critério biológico, para definir o espaço vital (BENDERSY, 1983, p. 259). Haushofer asseverava que o *lebensraum* consistia no direito, por parte de um Estado, de anexar territórios necessários para atender às necessidades da população daquele Estado, no âmbito da doutrina racista e expansionista do Partido Nacional-Socialista (BENDERSKY, 1989, p.252).

Recentemente, Góes e Visentini (2019, p.13-38) apresentaram uma nova perspectiva para o *lebensraum*, relacionada à “conquista de mercados e mentes” no lugar da conquista territorial e consequente expansão de área de

um Estado. Esse ponto de vista chama atenção para o uso da expressão econômica do poder de um Estado para formar seu espaço vital e a manutenção da sobrevivência do organismo “Estado”.

Já o *grossraum*, proposto pelo teórico político Carl Schmidt, propunha a Teoria dos Grandes Espaços, baseada na dominação política, ideológica ou econômica de um Estado sobre outro(s), sem considerar a questão da superioridade de uma raça sobre outra e a “suposta seleção natural” (TEIXEIRA, 2012, p.80-81). A diferença fundamental entre o *grossraum* e o *lebensraum* é que esse último se alicerçava no racismo e no expansionismo territorial, enquanto o *grossraum* não possuía esse viés da dominância de uma raça sobre outras e o suposto direito de expansionismo territorial. Carl Schmidt advogava a ideia da divisão do mundo em grandes espaços e a existência de impérios que comandariam esses espaços (ibid., p.86).

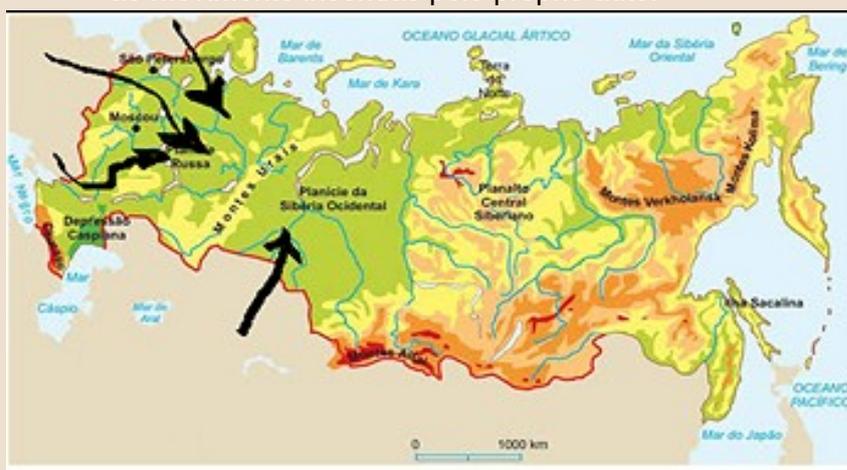
O COMPORTAMENTO GEOPOLÍTICO DA RÚSSIA

A Rússia tem aproximadamente 17 milhões de quilômetros quadrados, o que lhe dá o primeiro lugar na classificação dos países por extensão territorial. Não obstante a grande continentalidade, a Rússia tem limitações para acesso aos oceanos de águas quentes (CORREIA, 2016, p.360), uma vez que os portos de Murmasnk (GREEN, 1993, p.80-112) e Vladivostok ficam congelados durante parte do inverno (MARSHALL, 2016, p.27). A Rússia tem fronteiras com doze países (Finlândia, Noruega, Estônia, Letônia, Bielorrússia, Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão, Cazaquistão, Mongólia, China e Coreia do Norte), o que impõe diversas preocupações com a segurança. Dos cerca de 17 milhões de quilômetros quadrados, cerca de 25% dessa área – a Rússia Europeia – comporta perto de 78% da população, o que impacta a sobrevivência da população (VISHNEVSKY, 2000, p.6).

Ao analisar a orografia da Rússia, verifica-se que, basicamente, o país é dividido em dois grandes compartimentos separados pelo Rio lenessey. A porção Leste se subdivide em dois pequenos compartimentos de planície, divididos pelos Montes Urais. O primeiro compartimento está compreendido entre a fronteira da Rússia com Ucrânia, Bielorrússia, Letônia, Estônia,

Finlândia, até os Montes Urais. O segundo compartimento se desenvolve dos Montes Urais até o Rio Ienessey. Essa disposição orográfica coloca a Rússia em situação de vulnerabilidade quanto à segurança, pois facilita eventuais movimentos militares nas estepes localizadas na porção leste da Planície Russa e o lado sul da Planície da Sibéria Ocidental.

Figura 1 – Relevo da Rússia com indicação das áreas favoráveis ao movimento inseridas pelo próprio autor



Fonte: Meio ambiente Cultura mix.

Essa vulnerabilidade é confirmada pela História, pois: os poloneses chegaram a planície russa em 1605; os suecos adentraram no território russo em 1708; os franceses invadiram o território pelo norte da Planície Europeia em 1812; e os alemães também realizaram tal empreendimento nas 1ª e 2ª Guerras Mundiais, em 1914 e 1941, respectivamente (MARSHALL, 2016, p.22).

A conjugação de vulnerabilidade e ameaças para a Rússia, ensejou, desde o governo de Ivan III, a expansão de seu território para buscar a proteção escorada em acidentes geográficos favoráveis. Inicialmente, a expansão se deu na direção do Ártico. Posteriormente, sob o governo de Ivan IV, deu-se a expansão para a Ásia Central, com a conquista da Sibéria; e para o sul a fim de alcançar o Cáucaso (CARDOSO, 2022). Em sequência, Pedro e Catarina expandiram o território no período de 1682 a 1796 a fim de obter acesso ao Mar Negro e ao Mar Báltico (QUEIROZ et al, 2019, p.195).

Em 1922, após a Revolução Bolchevique de 1917, foi criada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A URSS inicialmente foi formada pela Rússia, Ucrânia, Bielorrússia e Transcaucásia. Após o término da 2ª Guerra Mundial, os seguintes Estados foram agregados à URSS: Armênia, Estônia, Letônia, Lituânia, Geórgia, Moldávia, Azerbaijão, Cazaquistão, Tadjiquistão, Quirguistão, Turcomenistão e Uzbequistão.

Em 1991, ocorreu a dissolução da URSS, dando origem a efêmera Comunidade de Estados Independentes (CEI), composta por Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Federação Russa, Moldávia, Tadjiquistão, Quirguistão, Turcomenistão e Uzbequistão. A perda da Estônia, Letônia e Lituânia abriu o flanco nordeste da antiga URSS, justamente um dos acessos favoráveis à Planície Russa. A perda da Ucrânia abriu o flanco sudeste para acesso àquela mesma Planície.

De acordo com Ištók e Plavčanová, a força da Rússia sempre esteve associada ao controle de uma extensa área, isso porque o estado se comportou como “um organismo forçado à defesa própria” para alcançar limites naturais para atender aos interesses de segurança russos. Desde o século 17 até o período de Stálin, no século XX, houve uma expansão territorial de aproximadamente 90 km² por dia. Por outro lado, a redução territorial da antiga URSS resultou em significativo impacto para o sentimento das gerações russas que cresceram sob o conhecimento do tamanho do país. Dessa forma, uma das condições para o estabelecimento de uma nova geopolítica russa é a restauração territorial com nova expansão (IŠTOK e DOMINIKA, 2013).

Se por um lado a URSS se fragmentou, por outro lado a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) se expandiu na direção da Rússia. Essa expansão pode caracterizar a política do *containment* (COREIA, 2016, p. 360) tratada por Henry Kissinger como uma tentativa de cerco à antiga URSS para resistir ao expansionismo russo. Abaixo, pode-se verificar os países que aderiram à OTAN após a fragmentação da URSS:

Tabela 1 - Expansão da OTAN após a fragmentação da URSS.³

ANO DE ADESÃO	QUANTIDADE	PAÍSES ADERENTES À OTAN PÓS-FRAGMENTAÇÃO DA URSS
2004	7	Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia
2009	2	Albânia e Croácia
2017	1	Montenegro
2020	1	Macedônia do Norte
2022	2	Finlândia e Suécia (em processo de adesão)

Fonte: NATO.

O expansionismo da OTAN acentuou a “síndrome de cerco” (WTODKSKA, 2022), caracterizada por um sentimento crônico da Rússia de suspeita de contenção e de obsessão pela segurança do território (CORREIA, 2016, p.360). Note-se que, em 2007, o presidente russo manifestou-se sobre a expansão da OTAN da seguinte forma:

Penso que é óbvio que a expansão da OTAN não tem qualquer relação com a modernização da própria Aliança ou com a garantia da segurança na Europa. Pelo contrário, representa uma séria provocação que reduz o nível de confiança mútua. E temos o direito de perguntar: contra quem se destina essa expansão? E o que aconteceu com as garantias que nossos parceiros ocidentais fizeram após a dissolução do Pacto de Varsóvia? Onde estão essas declarações hoje[...] [tradução livre. original sem grifo (PUTIN, 2007)].

É nesse contexto que à Rússia interessa a manutenção de uma zona-tampão na porção oeste do país, assim como os esforços para se transformar em potência naval (CORREIA, 2016, p.362).

No tocante à disponibilidade de recursos naturais, a Rússia se destaca na disponibilidade de petróleo, gás natural e minérios. A quantidade de reservas provadas de petróleo da Rússia varia de 80.000 a 103.000 bilhões de barris, conforme a Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e a *Central of Intelligence Agency* (CIA), respectivamente. Essa quantidade coloca a Rússia entre os oito maiores produtores mundiais, o que proporciona significativo poder econômico relacionado ao domínio de recursos energéticos fósseis. Quanto ao gás natural, a Rússia, a depender da fonte, ocupa a primeira ou segunda posição em termos de reservas com cerca de 33.2 trilhões

³ Além desses países, Bósnia e Herzegovina, Geórgia e Ucrânia já tiveram conversações para adesão à OTAN.

de metros cúbicos (*STATISCAL REVIEW OF WORLD ENERGY*, 2021). A imensa disponibilidade de gás natural russa, associada a grande necessidade da Europa Ocidental por aquela *commodity*, cria uma interdependência entre Rússia e países como Macedônia do Norte, Bósnia e Herzegovina, Moldávia Finlândia, Letônia, Bulgária e Alemanha (BUCHHOLTZ, 2022). Obviamente que a posse dessas reservas de gás é utilizada como um instrumento do poder nacional russo para seus movimentos geopolíticos.

Além dos espaços geográficos na Terra, o espaço sideral tem sido um campo para o exercício geopolítico, ou seja, a *astropolitik*. Os soviéticos foram pioneiros no lançamento de satélites artificiais com o Sputnik (CORRÊA et al, 2018), em 1957. Em 1962, a URSS detonou uma bomba de 300 quilotons a 290 km de altitude, causando um pulso eletromagnético significativo com danos para diversos sistemas de comunicação na superfície terrestre. No período da Guerra Fria, a URSS desenvolveu o Sistema de Bombardeio Orbital Fracionário, que consistia em um sistema de mísseis balísticos intercontinentais que poderia ser colocado em órbita para atingir alvos a partir de sua posição espacial (LARSEN, 2017, p.147). Em 1970, a URSS adotou uma política de controle de armas no espaço e, em 1979, um tratado de proibição de sistemas de armas nucleares no espaço. A Rússia foi um dos principais apoiadores da regulamentação internacional para prevenção de uma corrida armamentista no espaço (ibid., p.148). Em 1990, a URSS e os Estados Unidos da América implementaram uma cooperação científica para um projeto de um reator com propulsão oriunda de fusão nuclear, destinado ao avanço da exploração espacial (CORRÊA et al, 2018, p. 209). Não obstante a aparente intenção russa de não militarização espacial, em decorrência do conflito entre Rússia e Ucrânia, a Rússia ameaçou promover retaliações sobre os satélites Starlink da empresa SpaceX, por estarem fornecendo conexões para internet ucraniana (TINGLEY, 2022), tendo em vista já ter conduzido testes de armas antissatélite em 2021 (SANKARAN, 2022, p.14). Essa situação mostra que o espaço sideral tem sido considerado como um espaço vital para os russos.

Enfim, considerando a tríade Estado – espaço – poder, pode-se dizer que o comportamento geopolítico da Rússia está orientado pela síndrome do

cercos (WTODKOWSKA, 2022, p.138-139), considerando as vulnerabilidades que o território apresenta, o histórico de invasões sofridas e a tentativa russa de contenção ocidental percebida pela expansão da OTAN, bem como a liberdade para atuar como um ator global.

O COMPORTAMENTO GEOPOLÍTICO DA CHINA

A China tem uma área ao redor de 9,6 milhões de quilômetros quadrados, constituindo-se o terceiro maior país do mundo em extensão territorial. A China possui fronteira terrestre com: Rússia, Índia, Mongólia, Nepal, Butão, Bangladesh, Mianmar, Vietnã, Laos, Afeganistão, Tajiquistão, Quirguistão, Cazaquistão e Coreia do Norte; e fronteira marítima com Taiwan. Além da grande massa terrestre, a China conta com cerca de 2.900 ilhas costeiras.

A população da China é de aproximadamente 1,4 bilhão de pessoas (THE WORLD BANK, 2022), resultando em uma densidade populacional ao redor de 145 habitantes por quilômetro quadrado. Atualmente, a China é o país mais populoso da Terra, o que traz desafios correlacionados ao atendimento de sua população, sobretudo quanto à segurança alimentar. A distribuição de cerca de 94% da população da China (EOM, 2022), na porção nordeste – sudoeste, particularmente na costa oriental, é condicionada pela orografia do país.

A China optou pelo ataque como estratégia de defesa, visando estabelecer seus limites. Para isso, avançou nas direções do Tibete, das savanas da Ásia Central e para o sul (MARSHALL, 2016, p.50). O planalto do Tibete e a Cordilheira do Himalaia, a oeste, são fundamentais para a proteção da China. No Tibete, ocorre a disputa entre China e Índia pelas províncias de Arunachal Pradesh, Aksai Chin e Sikkin. Esse conflito está relacionado ao controle: 1) das alturas que dominam o planalto tibetano e um eventual acesso oeste para a parte central da China; 2) das fontes de água que alimentam os rios Amarelo, Yangtzé e Mekong, além da possibilidade de interferir no regime do rio Bramaputra, na Índia; e 3) dos minérios, que segundo Malik (2012, p. 134-135), representam cerca de 40% dos recursos minerais chineses (carvão,

cobalto, ferro, lítio, magnésio, ouro, prata e urânio) que estão na área tibetana. Na porção norte, encontra-se o deserto de Gobi, que contribui para a segurança chinesa. No século XIII, o deserto não deteve a invasão mongol. Atualmente, a China aposta no comércio para garantir sua expansão para a Mongólia e aproveitar-se dos recursos naturais desse país (MARSHALL, 2016, p.54). Na fronteira nordeste, que já foi palco de um conflito sino-soviético, em 1969, a situação parece ter sido resolvida em 2008.

Já na porção sul, o Mar da China Meridional e o Mar da China Oriental possibilitam o acesso aos Oceanos Índico e Pacífico, respectivamente. Entretanto, os movimentos para o sul são limitados pelos países que se posicionam no sudeste asiático: Vietnã, Malásia, Indonésia e Filipinas. Atualmente, a região do Mar do Sul China é a que apresenta maior possibilidade de ocorrência de um movimento expansionista chinês, particularmente por conta dos interesses comerciais e de segurança chineses (SANTOS, 2017). A China tem disputas territoriais com praticamente todos seus vizinhos no Mar do Sul da China (LO, 1989).

A importância do Mar do Sul da China é evidente pelos seguintes aspectos: 1) maior mar do mundo, com cerca de 3.5 milhões de Km², com ligações para outros mares pelos Estreitos de Malaca, Taiwan, Lombok e Makassar; e para os Oceanos Pacífico e Índico, tornando-se uma das rotas marítimas com maior fluxo no mundo; e 2) estimativas de grande potencial de reservas de petróleo e gás,⁴ e capacidade pesqueira estimada em cerca de 7.5 toneladas por km² anuais. Além das características econômicas, a posição geoestratégica coloca o Mar da China como um dos mais relevantes do mundo (SANTOS, 2017, p.186). Decorrente da importância do Mar do Sul da China, do Mar da China Oriental e da pequena Zona Econômica Especial (quando comparado à porção terrestre) (MENDES FILHO, 2021, p.63), a República Popular da China tem ampliado suas ações naquele espaço geográfico seja

4 A China estima reservas de 105 a 213 bilhões de barris de petróleo. A Agência de Energia dos Estados Unidos estima em 11 bilhões de barris.

por operações militares, seja pela construção de ilhas artificiais⁵ (ASIA MARITIME TRANSPARENCY INTERACTIVE, 2022).

Figura 2 - Representação da área reivindicada pela China, onde se localizam ilhas artificiais chinesas e o cordão de contenção norte-americano.



Fonte: próprio autor, elaborado a partir do aplicativo Google Earth e dados dos sites El Ordem Mundial e Asia Maritime Transparency Initiative.

Observe-se que a República Popular da China é o maior exportador mundial e o segundo maior importador mundial (AKRAM, 2022), dependente do Mar do Sul da China e do Mar da China Oriental. Em 2020, por exemplo, a China movimentou mais de 245 milhões de unidades equivalentes de 20 pés (contêineres) (WORLD BANK, 2020), além de 65% das necessidades chinesas de petróleo (MENDES FILHO, 2021, p.67) por aquelas águas. Por outro lado, o mesmo espaço geográfico é disputado por outras nações como: Japão, Coreia do Sul, Singapura e Estados Unidos da América (AKRAM, 2022).

Além da invasão mongol, a China já sofreu com o imperialismo europeu (particularmente o britânico) nos séculos XIX e XX; e enfrentou guerras contra o Japão (MARSHALL, 2016, 52), contudo, nos dias atuais, tem como principal oponente os Estados Unidos da América. No tocante ao comércio internacional, essa atividade sempre esteve presente na vida política da China, desde os contatos com portugueses e espanhóis, no século XV, até o momento. Inicialmente, o comércio chinês não exigiu grande capacidade marítima, pois os compradores vinham à China ou os transportes eram de curta

⁵ As Ilhas artificiais chinesas são: Huayang, Yongshu, Nanxum, Dongmen, Chiguo, Meiji, Zhubi, Lingyang, Langhua, Jinqing, Chenhang, Dong, Zhong, Hinyin, Bei Dao, Bei, Yin Yu, Shanhu, Qunafu, Ganquan, Nan, Nan Sanzhou, Zhaoshu, Zhongjian, Xi Sanzhou, Youngxing, Yangong e Huangyan.

distância. Contudo, agora, a potência chinesa busca cada vez mais sua projeção para os oceanos e outros países, visando garantir seus interesses. Essa situação é comprovada pelo dinamismo chinês na construção de navios para sua marinha, que em 2021, conta com 355 vasos de guerra (englobando, entre outros, destróieres, submarinos, porta-aviões, navios anfíbios oceânicos, navios anti-minas e navios auxiliares) e prevê possuir ao redor de 460 belonaves para 2030 (SHELBOURE, 2021).

No âmbito espacial, a China ocupa o terceiro lugar no ranking de poder, podendo, em breve, ultrapassar a Rússia. A China possui capacidades de mísseis balísticos intercontinentais e mísseis antissatélites. De acordo com Cheng (2012, p.62), a China considera o espaço sideral como o novo âmbito estratégico e seu controle como vital. A política chinesa considera as atitudes ofensiva e defensiva para a manutenção do domínio espacial. Além disso, em 2007, a China mostrou ter armas espaciais, destruindo um satélite meteorológico inoperante (LARSEN, 2017, p.149). Recentemente, a China tem apresentados evidências de sua prioridade para a exploração espacial, voltando-se para a Lua e para Marte. As ações implementadas parecem ter dois grandes objetivos: 1) desenvolvimento tecnológico para aplicações em áreas como telecomunicações ou meteorologia; e 2) propósitos militares para defesa dos interesses chineses (SONG e TAUSCHINSKI, 2022). A China se apresenta como a grande concorrente dos EUA, que, de maneira geral, têm mantido seus interesses acima de tratados para regular o uso do espaço. Obviamente, a China enxerga o espaço sideral como um novo âmbito de poder e, embora tenha seguido os passos da Rússia em não militarizar o espaço, age com independência e na busca de seus interesses.

Em suma, pode-se dizer que o comportamento geopolítico da China está condicionado principalmente à manutenção do espaço necessário à segurança do Estado, à preservação das fontes de recursos minerais nas áreas disputadas no Tibete e sobretudo o domínio das nascentes de água; e a sustentação de seu comércio, particularmente no Mar do Sul da China e no Mar da China Oriental. Essa última área é fundamental para a projeção chinesa

como “grande império,” no âmbito da teoria dos grandes espaços, como propugna o *grossraum*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito geopolítico de *lebensraum*, em face de sua associação com o Nazismo e com o uso para a defesa dos interesses da raça ariana, ganhou uma alcunha negativa. Já o conceito do *grossraum* não logrou a mesma importância dada ao *lebensraum*. Esses conceitos pareciam estar adormecidos, contudo as recentes ações russas e chinesas sobre espaços geográficos vizinhos de interesse lançam questionamentos se isso é uma realidade.

Para a Rússia, parece que seu espaço vital é constituído: 1) pelo seu próprio território mais as áreas a oeste necessárias para garantir a proteção face à OTAN; 2) o Ártico, sob uma visualização de futura circulação por aquele oceano; 3) os portos que permitem o acesso aos Mares Negro e Cáspio (e posteriormente ao Oceano Índico); e 4) porção do espaço sideral que proporcione a segurança contra ações ofensivas vindas de outros Estados. Para a China, o espaço vital parece englobar: 1) seu próprio território; 2) as áreas em litígio com a Índia e o Tibete, para garantir a proteção e o domínio das nascentes que abastecem os principais rios chineses; 3) a Mongólia, por questões de segurança e comércio; 4) o Mar do Sul da China e Mar Oriental da China, fundamentais para o comércio e suprimento do Estado chinês; e 5) a porção do espaço sideral que favoreça a segurança e o desenvolvimento chineses.

Desse panorama, percebe-se que os conflitos relacionados com os espaços vitais russo e chinês invariavelmente devem arrolar, direta ou indiretamente, os Estados Unidos da América, o que aumenta o nível de tensão na disputa pelo poder mundial.

No caso do espaço vital russo, os EUA podem influenciar a OTAN para aplicar a dosagem de contenção. No entanto, a OTAN não deve olvidar o que Sun Tzu disse: “quando cercar o inimigo, deixe uma saída para ele, caso contrário, ele lutará até a morte”.

Para o espaço vital chinês, a complexidade é muito maior em face de diversos atores presentes na região, como as Coreias, Japão e Índia. Assim, provavelmente os EUA continuem apoiando a Coreia do Sul, o Japão e, eventualmente, a Índia, para dividir os esforços chineses particularmente no Mar do Sul da China, Mar da China Oriental e Tibete. Há de se refletir se a China continuará pautando seu comportamento segundo outro ensinamento de Sun Tzu: “derrotar o inimigo em cem batalhas não é excelência suprema; a excelência suprema consiste em vencer o inimigo sem ser preciso lutar”, valendo-se de seu significativo poder econômico e político no âmbito mundial.

Finalmente, há de se considerar que o conceito do lebensraum, formulado há mais de 130 anos, ainda permeia o pensamento geopolítico dos Estados e deve ser considerado nas avaliações geopolíticas quanto ao relacionamento entre os atores no sistema internacional.

Referências

- ABRAHAMSSON, Christian. **On the genealogy of Lebensraum**. Geographica Helvetica. 2013.
- AKRAM, Shahzad. **World's Top Exportes and Importers**. World's Top Exporters and Importers - World Options - Shipping, 2022.
- AMUSQUIVAR, Érica Laurinda e Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos. **A gênese da geopolítica e sua difusão na história mundial**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa. v.5: p. 19-40. 2018.
- ASIA MARITIME TRANSPARENCY INITIATIVE. 2022. **China Island Tracker**. Disponível em <https://amti.csis.org/island-tracker/china/> Acesso em 22 de setembro de 2022.
- BENDERSY, Joseph J. **Carl Schmitt: Theorist for the Reich**. Princeton, New Jersey: Princeton. University Press, 1983. Disponível em <https://search-ebSCOhost-com.outlaw.digimaxisp.com/login.aspx?direct=true&db=nlebk&AN=791941&site=ehost-live> Acesso em 22 de setembro de 2022.
- BONFIM, Uraci Castro. **Geopolítica. Curso de Política, Estratégia e Administração do Exército**. 2005
- BUCHHOLZ, Katharina. **Which European Countries Depend on Russian Gas?** Disponível em <https://www.statista.com/chart/26768/dependence-on-russian-gas-by-european-country/> Acesso em 12 de setembro de 2022.
- CARDOSO, André Luiz. **Entenda a Geopolítica da Rússia: entenda a visão estratégica da Rússia e os objetivos militares de Putin**. 2022. e-Book.
- CHENG, Dean. **China's Military Role in Space**. Strategic Studies Quarterly. Spring. 2012.

- CORRÊA, Fernanda G.; PERON, Alcides E. R.; VERGUEIRO, Luiz F. T. **Geopolítica e domínio espacial: da supremacia da aviação à exploração espacial por fusão nuclear**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa. V5, no 1, jan/jun 2018.
- CORREIA, Pedro de Pezarat. **Manual de Geopolítica e Geoestratégia**. 2016.
- DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. 2003. Disponível em <http://ecologia.ib.usp.br/ffa/arquivos/abril/darwin1.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2022.
- TEIXEIRA, Anderson Vichinkeski. **Revisitando a Teoria Schmittiana dos grandes espaços (Grossraumlehre): o conceito de espaço no direito internacional contemporâneo**. 2012.
- EL ORDEM MUNDIAL. **Densidad de Población en China**. Mapas de El Orden Mundial – EOM.
- GÓES, Guilherme Sandoval; VISENTINI, Paulo Fagundes. **Escola Superior de Guerra: 70 anos pensando segurança, desenvolvimento e geopolítica**. Revista da Escola Superior de Guerra, v.34, n70, p.13-38, jan/abr 2019.
- GREEN, William C. **The Historic Russian Drive for a Warm Water Port: Anatomy of a Geopolitical Myth**. Naval War College Review, Spring 193, v.46, n.2, p: 80-112.1993.
- HOUSDEN, Martyn. **Lebensraum: Police or Rhetoric?** History Today. p. 23-26. 2001.
- IŠTOK, Robert; PLAVCANOVÁ, Dominika. **Russian Geopolitics and Geopolitics of Russia. Phenomenon of Space**. 2013.
- LARSEN, Paul B. **Outer Space Arms Control: Can the USA, Russia and China Make this Happen**. 2017.
- LEKAN, Thomas M. **From Landscape to Lebensraum: Race and Environment under Nazism in Imagining the Nation in Nature: Landscape Preservation and German Identity, 1885-1945**. Cap.4, p. 153-203. <https://www.degruyter.com/isbn/9780674040076>. 2021.
- LO, Chi-kin. **China's Policy Towards Territorial Disputes: The Case of the South China Sea Islands**. London: Routledge. 1989.
- MALIK, Mohan. **China and India: Great Power Rivals**. New Delhi: Viva Books. 2012. in Ribeiro, Erik Herejk. 2015. A Rivalidade e a Cooperação nas Relações China-Índia: o Contexto Asiático e o caso de Mianmar. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132912/000977970.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 04 de outubro de 2022.
- MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da Geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global**. Zahar. 2016.
- MENDES FILHO, Pedro Feitosa. 2021. **Mar do Sul da China e Mar da China Oriental: as aspirações geopolíticas chinesas sob a ótica realista das Relações Internacionais**. Revista de Geopolítica, v.12. nº 3, p. 62-75, jul/set. 2021.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo. 2009.
- PUTIN, Vladimir. 2007. Tradução livre do **“Speech and the Following Discussion at the Munich Conference on Security Policy”**. 2007 Disponível em <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/copy/24034>. Acesso em 12 de julho de 2022.

- QUEIROZ, Fábio Albergaria; BACHIEGA, Raquel Santos. **O Lebensraum na política externa russa para o Cáucaso do Sul (2000-2008)**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa. v.6. n.1. Jan./jun. 2019.
- RAGGI, Ricardo; MELLO, Raphael; RICK, Vinícius. **A Influência da Teoria Ratzeliana na Adoção do Lebensraum pelo III Reich**. Revista Fragmentos de Cultura. Goiânia. v. 18, n.1/2, p.153-168. 2008.
- SANKARAN, Jaganath. **Russia's Anti-Satellite Weapons: An Asymmetric Response to U.S. Aerospace Superiority**. Arms Control Today. 2022.
- SANTOS, Wagner. **Um mar de problemas: interesses estratégicos e a luta pelo poder no Mar do Sul da China**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa v.4, n.1, jan./jun. 2017.
- SHELBOURNE, Mallory. **China has world's largest Nvy with 355 ships and counting, says Pentagon**. Geopolitics News. 2021.
- SHUJAAT, Uzma. **Lebensraum and Race Price in the 21st Century: a Comparative Analysis**. Journal of European Studies 36/2 in Friedrich Ratzel and the Origin of Lebensraum, German Studies Review 3, No.1 (Baltimore, Maryland, USA: The John Hopkins University Press, 1980), 52. 2020.
- SILVA LIMA, Joilson. Crise da Criméia (2014) **Aspectos da Ordem Mundial e Lições para o Brasil**. 2019. Monografia. Escola Superior de Guerra, Disponível em <https://repositorio.esg.br/bitstream/123456789/819/1/JOILSON%20SILVA%20LIMA.pdf>. Acesso em 23 de setembro de 2022.
- SMITH, W. D. **Friedrich Ratzel and the Origins of Lebensraum**. German Studies Rev., n.3. 1980.
- SONG, Wanyuan; TAUSCHINSKI, Jana. **Os planos da China para virar nova superpotência espacial**. 2022. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61706685>. Acesso em 29 de setembro de 2022.
- TEIXEIRA, Anderson Vichinkeski. **Revisitando a teoria schmittiana dos grandes espaços (Grossraumlehre): o conceito de espaço no direito internacional contemporâneo**. Revista Facultad de Derecho y Ciencias Políticas. v.42. n.116: p. 77-96. Medellín. Colômbia. Jan./Jun. 2012.
- THE WORLD BANK. Population, total – China. 2022. <https://data.worldbank.org/indicador/SP.POP.TOTL?locations=CN>.
- The World Factbook. Disponível em <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/russia/#geography>. Acesso em 27 de julho de 2022.
- THE WORLD FACTBOOK. Disponível em <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/china/summaries/#geography> Acesso em 13 de setembro de 2022.
- TINGLEY, Brett. **Russia says private satellites could become 'legitimate target' during wartime**. Disponível em <https://www.space.com/russia-private-satellites-legitimate-target-wartime-united-nations>. Acesso em 29 de setembro de 2022.
- VISHNEVSKY, Anatoly. **Replacement Migration: is it a solution for Russia?** Population Division. Department of Economic and Social Affairs. United Nations Secretariat. New York. 2000.

WTODKOWSKA, Agata. Strategic Culture of Russia. Why is the Dialogue so Challenging? In Disinformation, Narratives and Memory Politics in Russia and Belarus. 2022.